

Combater a informalidade é nosso desafio mais urgente

A liberalização do mercado têxtil mundial tem provocado uma série de conseqüências aos países da América Latina, África e Ásia, refletindo-se com maior intensidade entre as mulheres que são a maioria dos trabalhadores deste setor produtivo. Alijadas das mínimas condições de trabalho, transformando os quintais de suas casas em "fabriquetas" e recebendo salários miseráveis para prestar serviços a grandes conglomerados multinacionais, as mulheres são a ponta mais frágil deste sistema explorador. A mais cruel das conseqüências tem sido a informalidade, uma característica nefasta do modelo neoliberal e drama cada vez mais presente em nosso país e no setor vestuarista, também vivido há muitos anos pelas mulheres da Ásia e África. O fato de trabalhar sem registro profissional submete as mulheres ao domínio absoluto do mercado, onde não se garante a subsistência nem qualquer amparo social. Que tipo de trabalho é este que nos transforma a todos em escravos da produção, vítimas da ganância e do lucro sem limites?

Enquanto vice-presidente do STIVestuário de Jaraguá do Sul e Região tive a grande oportunidade de participar de um intercâmbio sindical na Suíça, Holanda, França e Bélgica entre os dias 17 de fevereiro e 12 de março, a convite da Confederação Mundial do Trabalho (CMT) e como única representante brasileira. Todas as despesas foram custeadas pela CMT. Estávamos em 17 participantes no Seminário de Formação de Quadros Internacionais, realizado na Bélgica, e pudemos conhecer como funcionam as entidades mais importantes para o nosso movimento de trabalhadoras e trabalhadores. Conhecemos a forma de ação da Organização Internacional de Trabalho, suas normas e toda a articulação em torno da ratificação de suas Convenções pelos demais países. Afinal, em todos os lugares onde o "deus mercado" fincou raízes, o cenário de desrespeito à classe trabalhadora se repete, o tratamento desumano é o mesmo, e é preciso pressão permanente da sociedade para reverter esse quadro.

Muito embora as condições salariais e de trabalho do povo europeu sejam, como dizem, "de primeiro mundo", não existem diferenças substanciais no tratamento aos trabalhadores. A diferença maior está na organização. Quando o Sindicato Nacional de qualquer país europeu conclama os trabalhadores à mobilização, ocorrem manifestações gigantescas, diferentemente dos brasileiros e de nossos co-irmãos latinoamericanos que, ameaçados pelo desemprego, têm medo de se expor e aí enfraquecem a sua entidade sindical representativa. Talvez por isso, as multinacionais tenham priorizado a exploração de trabalhadores dos demais continentes, onde ainda encontram receptividade de governantes submissos e o ambiente ideal para remunerar precariamente seus trabalhadores e derrotar seus concorrentes. O método de dominação das multinacionais é tão eficaz que obriga empresas locais a demitirem seus trabalhadores, que hoje mal têm o que comer. A existência deste "exército de reserva", por sua vez, fragiliza ainda mais aqueles que estão no mercado de trabalho.

A busca de alternativas para a inserção destes trabalhadores informais é o desafio mais urgente do movimento sindical em nível mundial. Como integrante do Conselho de Trabalhadores do Cone Sul, representando a CLAMT (Comissão Latinoamericana de Mulheres Trabalhadoras), reforço a cada dia a disposição de intensificar a luta pela dignidade da mulher em todos os níveis do convívio social, notadamente no mercado de trabalho, onde a discriminação de gênero ainda está muito presente. Neste intercâmbio que realizei na Europa, e em todas as novas oportunidades que virão a partir daí, levarei sempre a experiência do nosso trabalho desenvolvido aqui no Sindicato dos Trabalhadores de Jaraguá do Sul e Região e,

com certo orgulho, reitero que os dirigentes sindicais dos demais países nos tomam de exemplo a ser seguido, tanto pela luta por melhor salário e condições de trabalho, como pelo trabalho social que desempenhamos na entidade. Cresce em mim o sentimento de que a classe trabalhadora precisa se unir, para que o capitalismo selvagem não nos retire os direitos fundamentais para a nossa sobrevivência.

Rosane Sasse

Diretora do STIVestuário de Jaraguá do Sul e Região

Diretora FETIESC

Integrante da equipe da Coordenação Departamento da Mulher da FETIESC

Integrante da Comissão Latinoamericana de Mulheres Trabalhadoras da CLAT - Central Latinoamericana de Trabalhadores

Março de 2005